



AMOSTRA

Ao gatinho Francisco, que nos emprestou suas aventuras.

VOCÊ ESTÁ AQUI

AMOSTRA

**DEDÉ LAURENTINO**

AMOSTRA



Rio de Janeiro, 2023



Que ninguém se engane com a promessa suspeita do título que tem nas mãos. No humor, assim como na vida, o que mais se acha é gente perdida. “Você está aqui” é um convite à desorientação nas variações virtuosas sobre um mesmo tema, talvez o único tema possível: a impossibilidade de se ter certeza.

É, portanto, perda de tempo tentar decidir se Dedé Laurentino é um escritor que desenha ou um desenhista que escreve. Aqui, palavra e imagem convivem tensas, em fricção, como pede o exército cada vez mais brancaleônico de quem luta contra o senso comum e o clichê.

Somos, desde o princípio, o homenzinho indeciso que consulta o mapa à sua frente. Nele, um ponto vermelho assegura: “você está aqui”. Mas quais caminhos seguir? Percorrer a Baixada da Autoestima, larga e longa, ou partir logo para o agitado Beco da Esbórnica? A Ladeira do Colágeno, Dedé informa, só dá mão para baixo. E, cuidado, ela tangencia o Aterro dos Prazeres.

Logo estamos na pele de outro homem minúsculo, reduzido à sua insignificância sob uma enorme barafunda de setas gordas, magras, coloridas e multiformes, todas acompanhadas do aviso: “Esperta é a seta, que aponta mas não vai”. Ou, ainda, de outro, perplexo diante de um rodocó de trajetos possíveis: “Que arapuca! A cada segundo o futuro bifurca”.

A arapuca da arte também imita a da vida nas referências que, a cada página, se bifurcam na chave do prazer, da homenagem — e jamais na piscadela pretensiosa das referências. Estão lá, discretas, as linhas pensantes que o enredam em Saul Steinberg, a ternura de gatos e meninos vinda de Sempé e, em todo lugar, a admiração por Millôr Fernandes.

O reitor e fundador da Universidade do Meyer diz presente nas “entreletras” em que o sentido está tanto na forma quanto no fundo e, também, no primor da síntese dos grafismos de “ligue os pontos”. Nas figuras humanas com um pé no grotesco e na exuberância de recorrentes pavões. Para não falar nos “ditados reeditados”: “Quando a esmola é demais, o santo aceita”.

“Enganar o próximo como a si mesmo” é, também, resultado de uma reescrita, esta com as tintas sombrias da barbárie do que Dedé chama de “ditames do cidadão de bem”. Radicado há mais de dez anos no Reino Unido, Dedé viveu o Brexit e assistiu de lá a destrambelhada marcha de um Brasil imbecilizado para o obscurantismo institucional. Tempos deprimentes podem, no entanto, resultar em galhofa memorável. Nascido de uma cruzada de Jaguar, o terrível, com George Grosz, o implacável cronista visual de Weimar, um respeitável senhor, de terno, doutos óculos e bigodinho cafajeste, vocifera: “Estava tudo

bem, até aparecer esta modinha de ser bípede”. Resignada, outra figura caminha, melancólica, em uma espiral: “Terraplanisso é a crença de que o mundo é isso”.

A melhor síntese do humor escrito e desenhado de Dedé Laurentino está nas traduções concretas ou objetivas de alguns dos maiores poetas e compositores brasileiros. Nasceu clássico, para a revista *piauí*, a versão para Lego — sim, o jogo de pecinhas de montar — da geometria rigorosa de “No meio do caminho”, de Drummond. Mais não conto para não estragar a “poesia contábil” do diagrama do Augusto do RH ou as estatísticas do Chico do Almojarifado.

A essa altura, espero que você ainda esteja aqui. E que siga em frente entre as palavras e os desenhos de Dedé Laurentino. De umas e outros, fica a certeza possível de que há uma luz no fim do túnel. Pelo menos enquanto percorrermos essas páginas.

PAULO ROBERTO PIRES

“A linha reta não sonha.”

OSCAR NIEMEYER

AMOSTRA

SOMOS  
TODOS  
NÓS











